No Brasil dos anos 1970, negar o estruturalismo: marcas históricas de ideologia linguística

In 1970s Brazil, denying structuralism: historical marks of linguistic ideology

Ronaldo de Oliveira Batista[*]
Universidade Presbiteriana Mackenzie, CNPq - Brasil
ronaldo.obatista@gmail.com

Abstract

Two questions guide the historiographical analysis: How can linguistic ideologies be analyzed in the history of linguistic knowledge? What is the role of denying this knowledge in the critical review of the history of Brazilian linguistics? The analytical perspective is framed by the concept of linguistic ideologies –prescriptive positions (scientific, intellectual, didactic) associated with social perceptions (positive or negative) about language studies in specific historical periods. Four non-specialized texts on linguistics, published in the mainstream press during the 1970s, were selected as historical documents: "Comunicação", by Ziraldo (1973); "O estruturalismo dos pobres", by José Guilherme Merquior (1974); "Exorcismo", by Carlos Drummond de Andrade (1975); and "19 princípios da crítica literária", by Roberto Schwarz (1978). These historical documents were analyzed using analytical categories related to internal parameters (views on linguistic treatment, conceptions of language, theoretical or intellectual frameworks, authors' rhetoric) and external parameters (social context, authors' intellectual backgrounds, institutionalization of language sciences). The interest in examining linguistic ideologies in the history of Brazilian linguistics lies in the opportunity to critically review how directive and prescriptive positions –or their denial– were developed, disseminated, and reflected in scientific guidelines for describing, analyzing, teaching, or commenting on the characteristics and phenomena of human language, as well as the theories addressing these topics.
Key words: Linguistic Historiography, history of Brazilian linguistics, linguistic ideology, Linguistics and Literature, Structuralism.

Resumen

Dos preguntas guían el análisis historiográfico: ¿cómo analizar las ideologías lingüísticas en la historia del conocimiento lingüístico? ¿Cuál es el papel de la negación de ese conocimiento en la revisión crítica de la historia de la lingüística brasileña? La perspectiva analítica está delimitada por el concepto de ideologías lingüísticas, es decir, posiciones prescriptivas (científicas, intelectuales, didácticas) asociadas a percepciones sociales (positivas o negativas) sobre los estudios de la lengua en contextos históricos específicos. Se seleccionaron como documentos históricos cuatro textos no especializados en lingüística, publicados en la prensa convencional en la década de 1970: "Comunicação", de Ziraldo (1973); "O estruturalismo dos pobres", de José Guilherme Merquior (1974); "Exorcismo", de Carlos Drummond de Andrade (1975); y "19 princípios da crítica literária", de Roberto Schwarz (1978). Los documentos históricos fueron analizados a través de categorías relacionadas con parámetros internos (visión del tratamiento lingüístico, concepción del lenguaje, anclajes teóricos o intelectuales, retórica de los autores) y externos (contexto social, circunscripción intelectual de los autores, institucionalización de las ciencias del lenguaje). El interés por observar las ideologías lingüísticas en la historia de la lingüística brasileña radica en la posibilidad de revisar críticamente cómo las posiciones directivas y prescriptivas (o la negación de ellas) fueron elaboradas, circuladas y presentes en pautas científicas para describir, analizar, enseñar o comentar características y fenómenos del lenguaje, las lenguas humanas y las teorías que se han centrado en estos hechos.
Palabras clave: historiografía lingüística, historia de la lingüística brasileña, ideología lingüística, lingüística y literatura, estructuralismo.

[*] Recibido el 1/11/2024. Aceptado el 1/12/2024.

1. Problematização histórica

A perspectiva deste texto delimita-se pela análise de *ideologias linguísticas*, isto é, posicionamentos prescritivos (científicos, intelectuais, didáticos, políticos) associados a percepções sociais sobre estudos da linguagem em recortes históricos específicos.[1] Essa ideologia na história da linguística é compreendida, assim, como uma *ideologia científica* ou uma *ideologia intelectual*,[2] ou ainda uma *ideologia didática*.

Na mesma medida, é preciso considerar um outro lado da moeda: uma *contraideologia* que, em processo dialógico, manifesta posicionamentos contrários àqueles circunscritos a posições ideológicas assumidas. Estão em operação, portanto, ideologias que seriam dominantes em certos circuitos sociais e intelectuais e outras que seriam opostas a essas.[3]

O interesse em observar ideologias linguísticas na história da linguística está na possibilidade de rever como posicionamentos diretivos e prescritivos foram elaborados, circularam e estiveram presentes em orientações científicas, intelectuais ou didáticas. Ou, ainda, presentes de alguma maneira em comentários e percepções não teóricos sobre características da linguagem e mesmo sobre escolas teóricas ou intelectuais.

2. Recorte temporal, documentos históricos, método analítico

Ao abordar uma história, elaborações narrativas resultam de método adotado em uma prática de pesquisa. Esse método inclui: (i) definição da periodização em diálogo com seleção de documentos históricos (isto é, fontes de análise); (ii) tratamento historiográfico desses documentos; (iii) construção de argumentação analítica.[4]

[1] Essa forma de conceber ideologia linguística, dentre outras possíveis, segue Swiggers (2018, 2019). A partir dele, proponho interpretações e acréscimos conceituais que se valem da filosofia (Chauí 2021), da sociologia da ciência (Bourdieu 2004, 2021; Ziman 1979) e da cultura (Bosi 2010). Baseio-me essencialmente na seguinte aproximação meta-historiográfica de Pierre Swiggers: "As coisas não são diferentes quando olhamos para a linguística – apesar da crença ingênua na 'neutralidade' da ciência. Além do fato de a linguística poder ser criticada de um ponto de vista (neo)marxista como uma construção teórica, há ideologia(s) da linguística: desde os primórdios da linguística como uma ciência com nome próprio, sua evolução foi caracterizada por tensões e oposições de natureza ideológica. Basta mencionar as tensões entre a filologia (clássica) e a linguística comparada [...], a oposição entre a linguística neogramatical e a linguística "naturalista" [...], a reação da escola (neo)idealista contra a linguística dos neogramáticos, a crítica do estruturalismo no que diz respeito à linguística tradicional e histórica, as oposições entre escolas estruturalistas e pós-estruturalistas nos Estados Unidos [...], ou as lutas entre modelos dentro do gerativismo" (Swiggers 2019: 28, trad. minha).

[2] Coloco em paralelo um conhecimento científico e outro intelectual. Essa distinção contempla, além de posicionamentos que não se inscrevem nas ciências da linguagem (como aqueles circunscritos a linguística, filologia, tradições gramaticais, semiótica, semiologia), proposições no escopo de amplo conhecimento linguístico de caráter histórico que não podem ser inscritas em temporalidades relativas àquelas em que as ciências da linguagem se institucionalizaram e assim foram percebidas e aceitas socialmente.

[3] "Começo por uma hipótese semântica. Suponho que haja uma esfera de significado comum aos vários conceitos que já se propuseram para definir o termo ideologia. Trata-se da ideia de condição. A ideologia é sempre modo de pensamento condicionado, logo relativo. Essa hipótese é flexível, mas pode enrijecer-se sempre que transponha a estreita faixa que a separa de um pensamento determinista. [...]. O pensamento hegemônico é sempre falso e deve ser atacado pela raiz e desmistificado implacavelmente. [...] o mesmo pensamento dominante deve ser analisado, interpretado, compreendido em suas relações com seus fatores condicionantes, físicos e sociais, históricos e culturais; em suma, a ideologia deve ser situada e historicizada." (Bosi 2010: 11; 40)

[4] Esse método foi apresentado em Batista 2013, 2020, 2025b.

2. 1. Periodização

A periodização delimitada para estudos de caso que ilustram a presença de ideologias linguísticas concentra-se na década de 1970. Nessa década a linguística ganhou destaque no Brasil no meio acadêmico e fora dele. Momento histórico em que, além da presença no contexto universitário, foram constantes textos na grande imprensa com temas de linguística e publicações como livros, capítulos e artigos.

Duas cenas podem caracterizar o quadro social que interessa neste artigo:[5]

> **CENA 1** – maio de 1975, o romancista Lêdo Ivo (1924-2012) negava o estruturalismo, caracterizando-o como "aterrorizações teóricas". Em *O Globo*, o escritor decretava "A morte da literatura brasileira", atravessada por análises imanentes dos adeptos do estruturalismo linguístico que chegava às searas literárias.
> **CENA 2** – novembro de 1975, o crítico literário Luiz Costa Lima assegurava valor ao estruturalismo em "Quem tem medo da teoria?", texto publicado no *Opinião*. Em diálogo com poesia concreta que flertava com tratamento imanente da linguagem, a voz estruturalista ganhava seu defensor.

Lados opostos de trincheira que marcou a década de 1970 como recepção e negação do estruturalismo na universidade e no jornalismo cultural. Duas cenas que conduzem à problematização histórica em torno de clima de opinião que impactou a história das ideias no Brasil: a querela estruturalista.

> Entre os anos de 1974 e 1976, aconteceu, na cidade do Rio de Janeiro, uma polêmica acerca do Estruturalismo que, envolvendo diversos intelectuais e extravasando os departamentos das Escolas de Letras, agitou o meio acadêmico carioca e ganhou espaço nos jornais diários, alternativos/semi-especializados. Na época, tal embate intelectual ficou conhecido como 'polêmica da teoria' ou 'polêmica do estruturalismo'. (Faria 2008: s/p)

Essa querela ou polêmica foi consequência do impacto que a linguística vinha alcançando no cenário acadêmico e cultural desde os anos 1960. Em prefácios/posfácios e contracapas de livros, havia a figura simbólica de um(a) linguista professor(a) e pesquisador(a) alçado(a) ao posto de cientista que dominava metalinguagem específica e formalização de dados controlados metodologicamente.

A ironia de Ataliba Teixeira de Castilho permite chegar a esse(a) linguista-cientista, de todo oposto(a) ao ensino tradicional de língua portuguesa e aos filólogos que dominaram grande parte do cenário dos estudos sobre línguas do século XIX até pelo menos parte dos anos 1960.

> Houve de fato uma fase [do(a) linguista] de ficar se olhando no espelho, no contentamento enorme de ser novidade. Mas isso foi pelo final dos anos 60, quando surgiu a ABRALIN, e, no Estado de São Paulo, o "Grupo de Estudos Lingüísticos" (GEL), logo secundado pelo GELNE e pelo GELNO. Naqueles bons tempos, muitos de nossos colegas tinham volúpias de prazer ao abrir sessões de seminários com o inevitável "nós lingüistas" para cá e "nós lingüistas" para lá. Na coxia, ficavam os professores de Português, encolhidos, assustados – como os filólogos, ao tempo dos neogramáticos. (Castilho 1983: 61)

[5] Estruturalismos no Brasil nas décadas de 1960-1970 também foram abordados em Batista (2024, 2025a)

2. 2. Seleção de documentos históricos

Foram selecionados como documentos históricos quatro textos (de gêneros variados) não especializados em linguística, publicados na grande imprensa dos anos 1970: (i) "Comunicação", de Ziraldo (1932-2024), publicado em *O Pasquim* em 1973; (ii) "O estruturalismo dos pobres", de José Guilherme Merquior (1941-1991), publicado no *Jornal do Brasil* em 1974; (iii) "Exorcismo", de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), publicado no *Jornal do Brasil* em 1975; (iv) "19 princípios da crítica literária", de Roberto Schwarz, publicado na coletânea *O pai de família e outros estudos* em 1978 (escrito em 1970).

O critério de seleção desses documentos levou em conta a presença de temas em torno da linguística e seu impacto na cultura brasileira dos anos 1970. Para isso, foram privilegiados textos escritos por não linguistas com o intuito de captar clima de opinião paralelo ao sucesso que a linguística desfrutava em muitos espaços institucionais de cursos de Letras, Comunicação e Ciências Sociais.

A seleção por não linguistas segue interesse de colocar em dimensão analítica paralela o que seria uma ideologia científica legitimada por linguistas (uma ideologia linguística) e uma contraideologia, oposta ao que na época era reconhecido como conjuntos teóricos da ciência da linguagem.

Sendo assim, a seleção visou à procura de evidências de posicionamentos que pudessem indicar algo sobre percepções de estudos sobre a linguagem em meio a contradições, negações e impactos de uma ciência em espaços não limitados a circuitos nos quais a prática científica encontra, a rigor, ventos mais favoráveis.

Há de algum modo ações sociais por detrás de opiniões que, veiculadas na grande imprensa, podem ser circunscritas a visões não restritas a indivíduos apenas, mas que poderiam encontrar eco diante de leitores não cientistas. Revelam-se, portanto, características de clima de opinião no qual estão inseridos movimentos científicos, ainda que cientistas e acadêmicos muitas vezes se afastem das imagens que eles mesmos produzem na sociedade.

2. 3. Definição de parâmetros e questionamentos analíticos

Uma etapa de interpretação configura o percurso metodológico após delimitação de periodização, seleção e tratamento de fontes. Nessa fase, os documentos históricos foram observados por meio de categorias analíticas relacionadas a parâmetros internos (ancoragens teóricas/intelectuais, métodos analíticos, metalinguagem, categorização/classificação/definição de elementos e fenômenos linguísticos, retórica dos autores[6]) e a parâmetros externos (contexto social, período histórico, circunscrição intelectual, institucionalização de saberes, tradições culturais, inscrição geopolítica).

Em torno dessas categorias analíticas, dois questionamentos direcionam esta retomada historiográfica: (i) Como definir e analisar ideologias linguísticas na história do conhecimento linguístico?[7]; (ii) Qual papel da negação do estruturalismo como ideologia linguística na revisão crítica da história da linguística brasileira?

[6] *Retórica* entendida como modos de enunciação de agentes do conhecimento linguístico em torno de associações ou rupturas científicas e intelectuais (Batista 2019).

[7] *Conhecimento linguístico* refere-se a *conhecimento sobre a linguagem* (e as línguas), ou a *história da linguística*. Expressões que denotam o conjunto de ideias elaboradas e transmitidas em diferentes períodos históricos. Essas expressões se referem ao objeto de análise do historiógrafo da linguística (cf. Autor 2022, 2025).

3. Ideologia linguística: a delimitação do conceito empregado

Como conceito teórico nesta abordagem historiográfica, *ideologia linguística*[8] define-se como modos prescritivos de ação em diferentes abordagens sobre a linguagem em quaisquer de suas manifestações. Isso abrange: (i) pesquisas linguísticas, semióticas, filológicas, gramaticais; (ii) filosofias e sociologias da linguagem; (iii) especulações e percepções epilinguísticas, reflexões diversas sobre línguas; (iv) práticas de ensino de língua; (v) produção bibliográfica; (vi) comportamento intelectual e científico. O conceito ainda abrange como são percebidas (e valoradas) essas abordagens.

A incidência dessas ideologias linguísticas se dá em retóricas, vinculando-se a perspectivas de compreensão da linguagem e seus fenômenos.[9]

Em termos metodológicos, em torno do conceito orbitam categorias analíticas relacionadas a parâmetros externos e internos de análise. Essas categorias são elementos analíticos do historiógrafo, que as observa em documentos históricos para, ao relacioná-las, elaborar análises.

Na linha de reflexão de Swiggers (2018, 2019), considero as seguintes acepções semânticas e epistemológicas para o conceito *ideologia linguística*: a) uma acepção geral: refere-se a prescrições (ou negações destas) de conduta científica, didática, intelectual em relação às abordagens citadas (trata-se, portanto, de atitudes); b) acepções derivadas dessa central: (i) refere-se a condutas legitimadas em grupos teóricos, espaços intelectuais, contextos políticos ou educacionais, permitindo que sejam validados comportamentos sociais e relações entre indivíduos; (ii) refere-se a argumentos na base de posicionamentos teóricos, especulativos, intelectuais, didáticos em torno de associação ou ruptura com outros posicionamentos; (iii) refere-se a formulação e validação de cânones científicos, intelectuais, pedagógicos.

Tendo em vista as acepções, podem ser analisados privilegiadamente: (i) credos, dogmas, convicções nas abordagens acima indicadas; (ii) delimitações teóricas extremadas; (iii) exemplificações enviesadas; (iv) elaborações historiográficas da figura exemplar de pioneiros; (v) classificações como canônico e marginal; (vi) imposições de políticas diversas.

Neste texto, em razão do material selecionado para os estudos de caso, delimito essa ideologia linguística como manifestação de uma ideologia científica (mesmo que não explicitamente compreendida ou assumida como tal).

O espaço de produção e circulação das ideologias linguísticas é permeado por discursos competentes (cf. Chauí 2021). Isto é, por retóricas que buscam validar a produção e a recepção

[8] Qualquer delimitação para a expressão deve levar em conta o que se conformou como denotação para ideologia. Indico duas possibilidades interpretativas: 1) "A palavra ideologia (do grego ἰδέα, 'idéia', e λογία, 'estudo') desde suas origens etimológicas vem acumulando uma ampla gama de significados, embora, conscientes da simplificação que isso acarreta, iremos reduzi-los aos dois que aqui interessa-nos: (i) um conjunto de ideias fundamentais que caracteriza o pensamento de uma pessoa, comunidade ou época, de um movimento cultural, religioso ou político, etc., e (ii) doutrina que no final do século XVIII e início do século XIX teve como objeto a origem das ideias [...]. Entre ambos os significados há uma clara filiação genética, mas também entre eles tem havido um marcante processo de inversão semântica, uma vez que 'a ideologia significava originalmente o estudo científico das ideias humanas; mas muito em breve o objecto passou a dominar o foco e o termo rapidamente passou a significar os próprios sistemas de ideias' (Eagleton 1997: 93) [...]" (Calero Vaquera 2018: 8, trad. minha); 2) "A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros de uma sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador [...]." (Chauí 2021: 53).

[9] Considerei diretrizes de Swiggers (2010) para a abordagem de metatermos na história da linguística. A partir dessa leitura do historiógrafo, fiz a associação com o conceito de ideologia linguística.

de um tipo de conhecimento em relação a sua adoção por membros de uma estrutura geradora de produções bibliográficas e formações científicas.

Essa ideologia linguística, portanto, como espaço de legitimação científica contém um componente autoritário, na medida em que inclui o que com ela mais se adapta, ao mesmo tempo em que exclui o diverso. Em relação dialética, gera-se uma dinâmica social de circulação do conhecimento. Nesse complexo processo de interação, atuam agentes diversos (como líderes intelectuais e organizacionais) em torno de cânones formativos, veículos de publicação, instituições.

Uma movimentação ideológica na qual posicionamentos retóricos operam também na neutralização de modos de convencimento. Com isso, pode haver formas de apagamento de pressões ideológicas em nome da força simbólica de alegada neutralidade científica e suposto grau absoluto de objetividade operacional social e intelectual.

Em torno do legitimado cientificamente está ainda uma busca por consensos que permitam solidariedade no reconhecimento de pares e na formação de laços intelectuais e profissionais coesos e coerentes (cf. Ziman [1968] 1979). Uma padronização próxima ao que Chauí (2021) caracteriza como "ação de pôr ordem no mundo", que é ato de exclusão e pertencimento.

Paralelamente a consensos, há uma visão negativa do mundo científico, visto como espaço social à parte, tornando-se alvo de reações de setores da sociedade contra saberes acadêmicos especializados. Não é difícil encontrar manifestações na grande imprensa que procuram distanciamento do chamado jargão universitário.[10]

Haveria então um discurso contra o discurso competente científico produzido nos chamados centros de elite,[11] concentrados nas universidades públicas brasileiras. Uma retórica levada à frente por aqueles que se sentiriam excluídos do sistema de produção e valoração científicas ou que simplesmente negariam a esse sistema valores positivos.

Sendo assim, para toda ideologia há uma contraideologia. Dois pesos, duas medidas no que se valida ou não em climas de opinião específicos a chamarem nossa atenção para o fato de que nunca há hegemonia absoluta no terreno do científico e do intelectual quando vistos em suas dinâmicas históricas.

4. Negar o estruturalismo como ideologia linguística

A linguística brasileira dos anos 1970 foi em grande parte (não exclusivamente) uma linguística estruturalista sincrônica.[12] Foi esse paradigma teórico amplo, ramificado em

[10] Veja-se, por exemplo: "A *Dicta & Contradicta* é uma revista semestral [que] reúne artigos e resenhas de intelectuais brasileiros e estrangeiros sobre os grandes temas da cultura ocidental [...]. Com isso, a revista – *com uma mentalidade acadêmica, mas sem academicismos* – procura atender a uma demanda do mercado por textos de maior transcendência e profundidade" (*Dicta & Contradicta*, ênfase adicionada). Outra exemplificação vem do jornalista Daniel Piza (1970-2011) sobre objetivos de sua escrita na imprensa: "tornar o conhecimento uma coisa mais viva, mais orgânica, mais discutida, mais ampla, *aberta a qualquer um e não exclusiva de alguns eleitos*" (*apud* Soares 2012: 48, ênfase adicionada).

[11] Para Chauí (2021), centros de elite são aqueles que oferecem cursos de graduação e pós-graduação em universidades ou centros de pesquisas com financiamento majoritariamente público. Investimento a fundo perdido, concentrado na formação de capital humano e na produção intelectual, avaliada qualitativa e quantitativamente por pares.

[12] O termo *estruturalista* é considerado em sentido abrangente, no qual se localizam programas de investigação formais como o descritivismo norte-americano, o estruturalismo de base saussuriana, o de Praga, o de Louis Hjelmslev (1899-1965), e o gerativismo chomskiano em suas primeiras décadas. A definição como estruturalista talvez seja mais coerente se em mente estiver a noção de que estruturalismo é antes de tudo um *ponto de vista*, mais do que uma corrente teórico-metodológica (já que pode abranger várias). É uma concepção geral de língua como conjunto organizado e regrado de unidades em permanente relação. Diante desse pressuposto, diferentes modos de conceber as tarefas do linguista são possíveis.

diferentes programas de investigação, que fez oposição a perspectivas analíticas e didáticas de destaque desde o século XIX.[13]

Saíam do cenário principal, ocupando lugar a ser atacado pelos linguistas: a filologia, a perspectiva gramatical diacrônica, as obras prescritivas. Em seus lugares, chegava uma linguística formal sob influência do descritivismo de linguistas norte-americanos como Leonard Bloomfield (1887-1949) e Kenneth Pike (1912-2000), do gerativismo dos primeiros vinte anos[14] da proposta de Noam Chomsky, da semiologia de Roland Barthes (1915-1980), da semântica/semiótica[15] de Algirdas Julien Greimas (1917-1992).[16]

Linguísticas que ocuparam diferentes centros de ensino e pesquisa em universidades brasileiras. Alguns espaços institucionais em competição, outros não. Vertentes teóricas que tiveram seus momentos de destaque e outros de ostracismo na linguística brasileira, que estava na linha de frente dos estudos da linguagem nos anos 1970.

Debates em torno de teorias estruturalistas contribuíram para que se criasse imagem simbólica pervasiva do estruturalismo. Contudo, uma presença não hegemônica nem exclusiva, fazendo eco a uma recepção teórica presente na França: os estruturalistas não estavam sozinhos no cenário intelectual francês dos anos 1960-1970 e de modo algum o dominaram totalmente (cf. Forest 1995).

Sob influência de perspectivas norte-americanas e europeias continentais, uma linguística estruturalista sincrônica que se caracterizava pela abstração explicativa, axiomatização de regularidades, apreensão imanente das unidades linguísticas e suas relações. Também eram características de um projeto científico amplo e formal a preexistência, autonomia e primazia analítica do sistema linguístico. Um 'domínio das estruturas' que consagrou o estudo das oposições pertinentes entre unidades, das hierarquias entre níveis, da formalização metodológica.

Uma linguística brasileira que se desenvolveu em suas primeiras duas décadas em cursos de graduação e pós-graduação e em variada publicação bibliográfica e produção científica. Dois campos de ação – um didático, outro científico – que estavam institucionalizados após o decreto federal de 1962 (cf. Altman 1998; Batista 2023; Rosa 2024).

Escrito por Isaac Nicolau Salum (1913-1993), o prefácio à tradução do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure (1857-1913) informava sobre o prestígio da linguística. Assim como fizeram as contracapas para a edição do mesmo *Curso* e para a do *Dicionário de Linguística*, escrito por equipe coordenada por Jean Dubois (1920-2015).

---

[13] Esse quadro teórico-metodológico formal começaria a se alterar já perto do final dos anos 1970 com a presença cada vez mais incisiva de teorias interdisciplinares (como a sociolinguística e a psicolinguística), teorias do texto e do discurso e teorias funcionalistas.

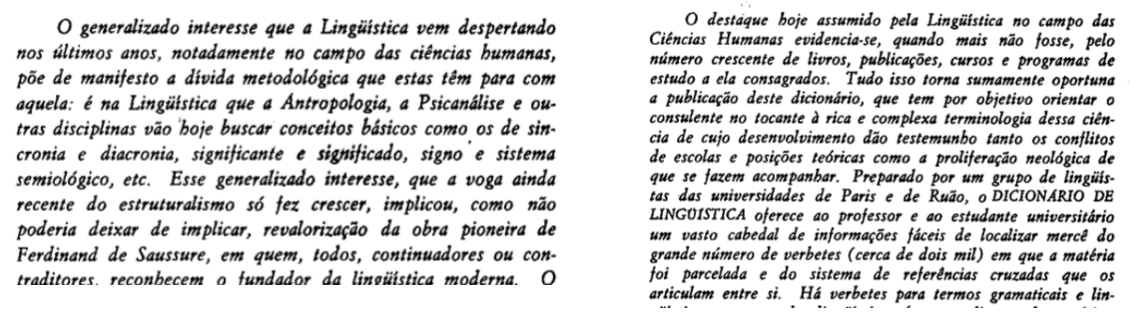
[14] Refiro-me aqui ao modelo da gramática gerativo-transformacional no livro *Estruturas sintáticas* (Chomsky 1957) e aos modelos padrão e padrão-estendido em *Aspectos da teoria da sintaxe* (Chomsky 1965) e *Reflexões sobre a linguagem* (Chomsky 1975).

[15] Utilizo a denominação dupla *semântica/semiótica* pois uma não pode ser distanciada da outra em nome da compreensão de percurso do pensamento greimasiano que começou atrelado ao formal do significado; mas que se encaminhou para abertura analítica em torno de materialidades diversas incorporadas na configuração de uma semiótica. Ainda: refiro-me às propostas de Greimas em *Semântica estrutural* (Greimas 1966), *Sobre o sentido* (Greimas 1970), *Ensaios de semiótica poética* (Greimas 1975/1976).

[16] Denomino o programa como "gerativismo chomskiano" mesmo tendo consciência de que contribuições e revisões teóricas na proposta gerativa não tenham sido apenas de Noam Chomsky. A escolha se deve a melhor identificação de um paradigma científico associado a seu propositor. Mesma escolha está na denominação do programa "semântica/semiótica greimasiana", que em seus desenvolvimentos teve outras contribuições teórico-metodológicas que não exclusivamente as de Greimas.

Mas a freqüência das reedições e traduções do *Cours* nesta década de 60 que acaba de expirar mostra que já era tempo de fazer sair uma versão portuguesa dessa obra cujo interesse cresce com o extraordinário impulso que vêm tomando os estudos lingüísticos entre nós e em todo o mundo. Já se tem dito, e com razão, que a Lingüística é hoje a "vedette" das ciências humanas. Acresce que o desenvolvimento dos currículos do nosso estudo médio nestes últimos anos impede que uma boa percentagem de colegiais e estudantes do curso superior possam ler Saussure em francês. Verdade é que restaria ainda a versão espanhola, que é excelente, pelo prólogo luminoso de Amado Alonso. Mas, agora, o interesse público em Saussure cresce, e uma edição portuguesa se faz necessária para atender à demanda das universidades brasileiras.

Figura 1. Fragmento do prefácio brasileiro ao *Curso de Linguística Geral* (1970). Fonte: Saussure (1970, fragmento do prefácio).



O generalizado interesse que a Lingüística vem despertando nos últimos anos, notadamente no campo das ciências humanas, põe de manifesto a dívida metodológica que estas têm para com aquela: é na Lingüística que a Antropologia, a Psicanálise e outras disciplinas vão hoje buscar conceitos básicos como os de sincronia e diacronia, significante e significado, signo e sistema semiológico, etc. Esse generalizado interesse, que a voga ainda recente do estruturalismo só fez crescer, implicou, como não poderia deixar de implicar, revalorização da obra pioneira de Ferdinand de Saussure, em quem, todos, continuadores ou contraditores, reconhecem o fundador da lingüística moderna. O

O destaque hoje assumido pela Lingüística no campo das Ciências Humanas evidencia-se, quando mais não fosse, pelo número crescente de livros, publicações, cursos e programas de estudo a ela consagrados. Tudo isso torna sumamente oportuna a publicação deste dicionário, que tem por objetivo orientar o consulente no tocante à rica e complexa terminologia dessa ciência de cujo desenvolvimento dão testemunho tanto os conflitos de escolas e posições teóricas como a proliferação neológica de que se fazem acompanhar. Preparado por um grupo de lingüistas das universidades de Paris e de Ruão, o DICIONÁRIO DE LINGÜISTICA oferece ao professor e ao estudante universitário um vasto cabedal de informações fáceis de localizar mercê do grande número de verbetes (cerca de dois mil) em que a matéria foi parcelada e do sistema de referências cruzadas que os articulam entre si. Há verbetes para termos gramaticais e lin-

Figura 2. Fragmentos da contracapa da ed. brasileira (1970) do *Curso de Linguística Geral* (à esquerda); da contracapa da ed. brasileira (1973) do *Dicionário de Linguística* (à direita). Fonte: Saussure (1970, contracapa); Dubois (1973, contracapa).

Uma volta à imprensa paulistana dos anos 1960-1970 revela que a ciência da linguagem ultrapassava diálogos acadêmicos e era divulgada em suplementos de cultura e cadernos de educação. Em textos – ora escritos por jornalistas, ora por acadêmicos – estavam presentes Saussure, listas com livros de linguística, explicações do estruturalismo.

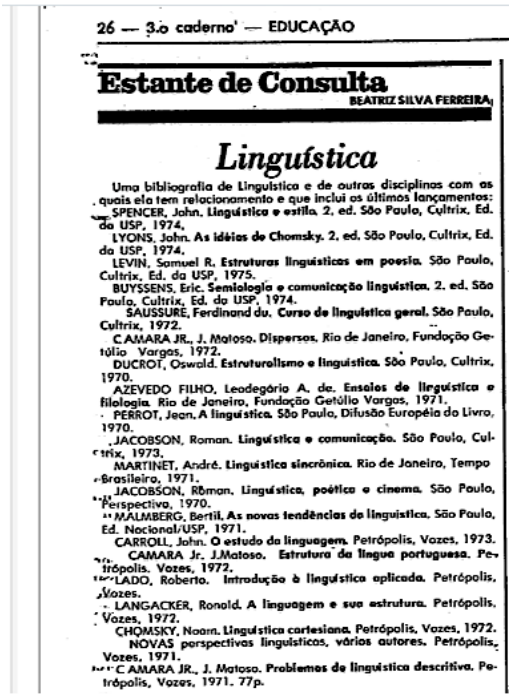
suplemento literário

São Paulo, 26 de julho de 1969, ano 13, n.º 635

O lance de dados de Saussure - I

Haroldo de Campos

Figura 3. Linguística no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, 26/7/1969. Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional.



26 — 3.o caderno' — EDUCAÇÃO

Estante de Consulta

BEATRIZ SILVA FERREIRA

Linguística

Uma bibliografia de Linguística e de outras disciplinas com as quais ela tem relacionamento e que inclui os últimos lançamentos:

SPENCER, John. **Linguística e estilo.** 2. ed. São Paulo, Cultrix, Ed. da USP, 1974.

LYONS, John. **As idéias de Chomsky.** 2. ed. São Paulo, Cultrix, Ed. da USP, 1974.

LEVIN, Samuel R. **Estruturas lingüísticas em poesia.** São Paulo, Cultrix, Ed. da USP, 1975.

BUYSSENS, Eric. **Semiologia e comunicação lingüística.** 2. ed. São Paulo, Cultrix, Ed. da USP, 1974.

SAUSSURE, Ferdinand du. **Curso de lingüística geral.** São Paulo, Cultrix, 1972.

CAMARA JR., J. Mateso. **Dispersos.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1972.

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e lingüística.** São Paulo, Cultrix, 1970.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Ensaios de lingüística e filologia.** Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.

PERROT, Jean. **A lingüística.** São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.

JACOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação.** São Paulo, Cultrix, 1973.

MARTINET, André. **Lingüística sincrônica.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1971.

JACOBSON, Roman. **Lingüística, poética e cinema.** São Paulo, Perspectiva, 1970.

MALMBERG, Bertil. **As novas tendências da lingüística.** São Paulo, Ed. Nacional/USP, 1971.

CARROLL, John. **O estudo da linguagem.** Petrópolis, Vozes, 1973.

CAMARA Jr. J.Matoso. **Estrutura da língua portuguesa.** Petrópolis, Vozes, 1972.

LADO, Roberto. **Introdução à lingüística aplicada.** Petrópolis, Vozes.

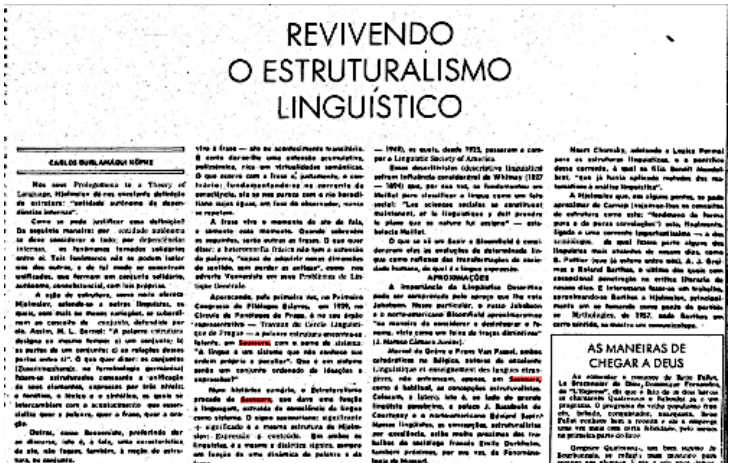
LANGACKER, Ronald. **A linguagem e sua estrutura.** Petrópolis, Vozes, 1972.

CHOMSKY, Noam. **Lingüística cartesiana.** Petrópolis, Vozes, 1972.

NOVAS perspectivas lingüísticas, vários autores. Petrópolis, Vozes, 1971.

CAMARA JR., J. Matoso. **Problemas de lingüística descritiva.** Petrópolis, Vozes, 1971. 77p.

Figura 4. Livros divulgados no Caderno de Educação do jornal *Folha de S.Paulo*, 27/4/1975. Fonte: Arquivo online do jornal *Folha de S.Paulo*.



REVIVENDO
O ESTRUTURALISMO
LINGUÍSTICO

CARLOS EMILIANO AMÁDEU KÖPKE

AS MANEIRAS DE CHEGAR A DEUS

Figura 5. Divulgação do estruturalismo linguístico em *O Estado de S.Paulo*, 15/4/1973. Fonte: Arquivo online do jornal *O Estado de S.Paulo*.

Em dois periódicos de divulgação intelectual (*Revista de Cultura Vozes* e *Tempo Brasileiro*), a "vedete" das ciências humanas era destaque.

O número 5 da *Revista de Cultura Vozes* (1973) é exemplar dessa presença histórica. Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970), dos primeiros professores de linguística nos anos

1930 no Brasil,[17] era homenageado após seu falecimento por linguistas, filósofos e intelectuais como Roman Jakobson (1896-1982), Bernard Pottier, Thomas Sebeok (1920-2001), Paul L. Garvin (1919-1994). Este último, autor de "O que é lingüística?" no volume da *Vozes*, ilustrava o clima de opinião da época na dedicatória que direcionava para a figura de Mattoso: "À memória de Joaquim Mattoso Camara Jr., pioneiro da lingüística estrutural e funcional na América Latina"[18] (Garvin 1973: 359/23).

Nesse contexto científico, a semiótica/semiologia ainda não desfrutava do estatuto de "vedete" a impactar as ciências sociais, a psicanálise, os estudos literários, mas fazia presença como outra novidade e extensão teórica de estruturalismos linguísticos.

Também na *Revista de Cultura Vozes* (n. 8, 1974), o volume "Semiótica & Semiologia" trazia textos que iam da proposição de glossário de semiótica até análises da cultura, passando pela contextualização de estudos semióticos no Brasil. O "Editorial" anunciava:

> As nossas atenções críticas ampliam-se e o próprio estatuto científico da semiologia recebe um tratamento mais metodológico. E, talvez, mais universitário. Por outro lado, ampliam-se no ano mesmo que é fundada a Associação Brasileira de Semiótica. (*Revista de Cultura Vozes* 1974, s.p)

O número 15/16 da revista *Tempo Brasileiro* (1967) apresentava em especial sobre o estruturalismo textos de linguistas (Mattoso Câmara, Miriam Lemle [1937-2020]), cientistas sociais, filósofos e críticos literários como Claude Lévi-Strauss (1908-2009), Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006), Roberto Mangabeira Unger, Eduardo Portella (1932-2017): "Tempo Brasileiro não toma nenhuma posição face ao(s) estruturalismo(s). Nossa única posição é conhecê-lo(s), como procuramos conhecer, para compreender, as posições mais elaboradas do pensamento atual".

O escritor Millôr Fernandes (1923-2012) também fornece evidência de como a linguística estava na figuração simbólica de um universo acadêmico. Em sua peça *É... Baseada num fato verídico que apenas não aconteceu* (1977), há personagens que são intelectuais e professores. Nessa peça sobre falência de ideologias e inutilidade de teorias (cf. Silva 2003), há no cenário uma lousa com os nomes de Chomsky e Jakobson. Em fala do personagem Mário é mencionada a linguística antropológica, campo reconhecido pela articulação com o estruturalismo do norte-americano Bloomfield e a linguística cultural de Edward Sapir (1884-1939).

[17] O percurso do ensino universitário de linguística é tortuoso e caracterizado por continuidades e descontinuidades. Além da presença de Mattoso nessa forma de atuação didática, houve iniciativas com outros professores e pesquisadores que ensinaram linguística, mesmo que não de forma oficial em disciplinas especificamente denominadas como sendo de linguística (cf. Altman 2018; Sugiyama 2020).

[18] O "funcional" deve ser entendido como programa estrutural-funcionalista estabelecido pelo Círculo Linguístico de Praga.

(*Quando a luz sobe, azulada, Mário está acabando de escrever, num quadro negro, o nome Antonio Houaiss. Já estão escritos no quadro, Celso Furtado, Chomski, Leonardo Bruni, George Steiner, Jacobson e Heidegger*.)

MÁRIO: (*Falando aos alunos*.) A afirmação bíblica "No princípio era o verbo" vem sendo apoiada pela especulação lingüística antropológica. De uma certa forma o verbo, a linguagem, é anterior ao homem. Os primatas não tinham o córtex cerebral, onde se localiza a fala. Mas se comunicavam com rugidos, isto é, sinais de medo, alegria e alerta. Esse esforço de comunicação em milhões de anos, foi que criou ou desenvolveu o córtex, armazenador e gerador da linguagem. O quê? O Macaco está certo? (*Ri breve*) Hein? (*Ouve*) Claro, Sônia, o ato sexual é um ato semântico. Como a linguagem, ele está sujeito à força modeladora da convenção social, às regras do procedimento da comunidade, a analogias e precedentes, embora transcenda a tudo isso. Falar e trepar são formas de comunicação universais: no corpo social e com o corpo humano. O coito é um diálogo – a masturbação é um monólogo. De que é que vocês estão rindo? (*Pausa*) Hein? Pergunta, Leila. Vejam, por exemplo, o tabu do incesto. Também é derivado da fala. Só podemos proibir o que podemos denominar. Quando inventamos a escala nominal do parentesco pai, mãe, filho, irmão, tio, primo, estava automaticamente criado o tabu. (*Ouve*) Peraí. Vamos adiante. Todas as coisas ditas, ouvidas e pensadas são naturalmente registradas em nosso córtex. Esse depósito gigantesco se modifica microscopicamente a cada coisa nova dita, ouvida ou pensada. Cada registro novo modifica, portanto, todo o nosso passado. Essa modificação, por sua vez, condiciona tudo que vamos falar no futuro. Hein? Pergunta, Leila! Se existe o passado? Olha, a cibernética se acha hoje capacitada a demonstrar que o passado, tal como o encaramos, não existe. Pra ela o mundo pode ter sido criado há cinco minutos, com um programa de três milhões de anos de memórias. (*Escuta*) É, Aurélia, acho que a comunicação, propriamente dita, é impossível. Porque a incidência de verdades no diálogo humano é ínfima. A vocação humana – para emitir falsidades, negar, circundar,

Figura 6. Fragmento da peça "É...", de Millôr Fernandes. Fonte: Fernandes (1977, disponível em https://www.scribd.com/document/537387899/E-Millor-Fernandes).

No entanto, nem tudo foi celebração na recepção brasileira estruturalista. Houve posicionamentos contrários à dita moderna ciência linguística. Existiram mesmo do lado dos linguistas ponderações sobre um sucesso daquela que era considerada como jovem ciência do século XX, cuja figuração revolucionária fez *tabula rasa* de ganhos científicos da linguística diacrônica e comparativa de origens no século XIX.

A linguística que começou a ser implantada, de modos diversos e com resultados os mais variados desde os anos 1930 (oficial ou oficiosamente), enfrentou no Brasil resistência daqueles que se reconheceram como filólogos atuantes em outro eixo de pesquisa e ensino em linguagem (cf. Altman 1998, 2018).

Mattoso Câmara dizia sobre o cenário em que estava inserido:

> Não obstante o progresso feito em lingüística geral, lingüística do português e dialetologia, a filologia em seu sentido estrito continua a merecer o interesse predominante dos estudiosos brasileiros. O ensino de português nas universidades brasileiras é principalmente de caráter filológico (Mattoso Câmara [1968] 1976: 56)

No semanário *Opinião* em 1975 foi publicada transcrição de debate entre alunos de graduação em Letras. Na discussão, entrava em pauta a presença de teorias nos estudos literários e na crítica daí resultante. Não foi pacífica a recepção do estruturalismo pelos literatos e estudantes de literatura.

Em uma das intervenções, o questionamento da presença, nem sempre desejada na medida em que se configurava, de teorias estruturalistas como as de Barthes e Tzvetan Todorov (1939-2017) nas faculdades:[19]

[19] O debate ocorreu no Rio de Janeiro. Sobre esse um clima de opinião da época nas universidades, cf. Mello (2020: 698): "As teorias estruturalistas tiveram acolhida no Brasil, nos anos 1970, junto a três professores do curso de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio): Silviano Santiago, Luiz Costa Lima e Affonso Romano de Sant'Anna. A partir delas, eles produziram ensaios e livros e orientaram um bom número de teses de mestrado, formando professores e pesquisadores, muitos dos quais se tornaram docentes das novas universidades públicas que surgiram no período".

> *Claudius Hermann* (UFRJ) – A situação da faculdade daqui é a mesma da PUC: simplesmente teoria. Se o aluno não estiver interessado em ler livro de romance, conto ou poesia, ele passa os quatro anos da faculdade lendo somente Barthes e Todorov... Em São Paulo também é assim, eu tenho amigos que dizem. Mas eles vão além, não ficam só no estruturalismo. Acho que o mal daqui é que pára no estruturalismo e fica ali, ou não transferem os instrumentos que o estruturalismo dá para o Brasil, fica como se fosse Paris... Os alunos reclamam, mas reclamam passivamente. (em Cesar 1999:150)

Críticas a teorias estruturalistas formais e imanentes, que passavam a influenciar as ciências sociais e os estudos literários, situam enfrentamentos e impasses científicos e intelectuais no contexto político do Brasil dos anos 1970.

No espaço acadêmico de interação social e científica, essa década foi período de expansão do ensino superior, mesmo diante da intensificação da repressão política da ditadura militar. Ora um regime político repressor mais autoritário e opressivo, ora ainda conservador mas propenso a iniciar caminhos da abertura política dos anos 1980.

Em conturbado momento político e social (com impactos na cultura, educação, economia), houve implantação de cursos de pós-graduação como consequência histórica de iniciativas delineadas nos finais da década de 1960.

Mesmo que limitados diante da censura vigente, ares renovados estavam na academia com o fim das cátedras e implantação dos departamentos universitários, gerando contratações de docentes e implantação do regime de dedicação exclusiva (cf. Habert 1994). O espírito da universidade era de renovação diante de sua expansão e diálogo com o exterior.

Foi nesse contexto social que o estruturalismo foi alvo preferencial daqueles que, ancorados em tradição intelectual marxista, viram em uma teoria imanente, distante dos contextos de uso da linguagem como fonte preferencial de dados analíticos, um reflexo de posição política neutra diante das circunstâncias que caracterizavam o Brasil do "ame-o ou deixe-o".

Oposição que colocava em lados opostos os que viam a necessidade de uma produção acadêmica engajada social e politicamente e os que adotavam teorias distantes da sociedade e da história. Disputas intelectuais e científicas que formataram oposições entre fenomenologia, hermenêutica, marxismo *vs.* estruturalismo, semiótica, semiologia; escritores, jornalistas, intelectual público *vs.* acadêmicos e scholars (cf. Mello 2020).

Fora do ambiente universitário e da circulação em cadernos da imprensa, a linguística estruturalista formal e sincrônica foi alvo de escritores e críticos literários.

O cartunista Ziraldo, no número 193 do *Pasquim* em 1973, afirmava que "a cuca do homem era muito menos fundida antes da Lingüística e vai derreter completamente depois da Semiologia".

Figura 7. Ziraldo, *O Pasquim*. Fonte: Ziraldo (1973: 24).

Cuca era item lexical de valor nominal empregado com valor de gíria para se referir a uma capacidade intelectual e ao cérebro. No discurso humorístico de Ziraldo a linguística atuaria como elemento que, de tão complexo, transtornaria o juízo e os pensamentos, deixando atônitos aqueles que com a ciência da linguagem entrassem em contato. Não à toa, a imagem que acompanhava o texto trazia uma junta médica a examinar o cérebro de um indivíduo.

Fundir a cuca ou *cuca fundida* significavam mais informalmente "ficar louco/ter ficado louco" e eram expressões recorrentes nos anos 1970. Tanto que *Cuca fundida* foi expressão em português escolhida para o título da tradução do livro do cineasta Woody Allen publicado originalmente em 1971 como *Getting Even*.

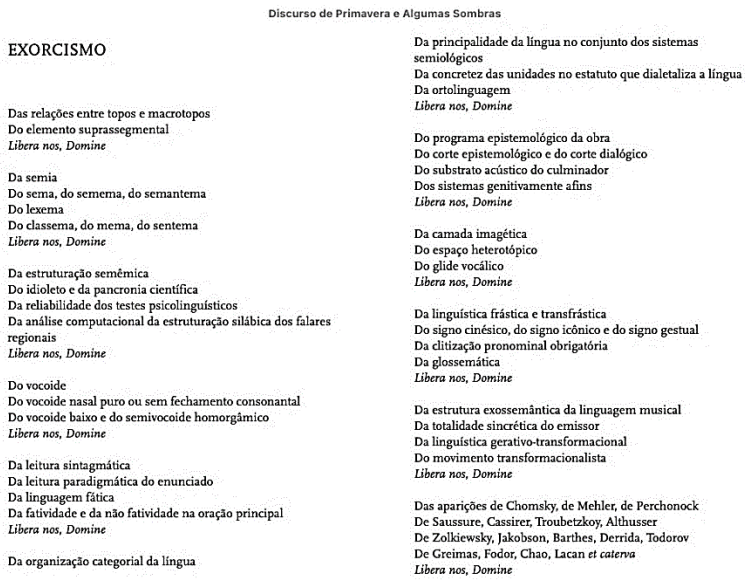
Em paráfrase do texto de Ziraldo teríamos: o homem era menos atordoado antes da linguística e ficará completamente louco depois da semiologia. Ou seja: teorias linguísticas e semiológicas dos anos 1960-1970 levariam todos à loucura diante de suas complexidades e, pode-se acrescentar, ideais científicos de abstração para compreender fenômenos de diversas linguagens.

Do humor de Ziraldo (e da desordem e valoração que o discurso humorístico provoca nos sentidos), surge a possibilidade de uma leitura crítica que recusa o estruturalismo. Por extensão, um posicionamento de afastamento das últimas modas vindas de fora do país e que invadiam a academia.

Do vaticínio de Ziraldo, alertando a todos sobre um estado mental após o contato com teorias advindas dos estudos linguísticos, chegamos ao poema de Carlos Drummond de Andrade. Em via poética, estava retórica de negação da teoria linguística, seus autores e sua metalinguagem.

Drummond foi poeta do cotidiano. Em seus versos, estão a vida e seus acontecimentos em perspectiva atenta aos sentimentos, ao humor, ao banal, ao solene, ao corriqueiro que despertam identificação nos leitores. Dessa poesia do cotidiano é que vem uma leitura de um panorama teórico dos anos 1970.

Na mesma medida cristã dos que se livrariam do pecado ao suplicar auxílio religioso, o verso *Libera nos, Domine* ("Livra-nos, Senhor"), repetido como recurso estilístico e argumentativo, queria afastamento e livramento de teorias estruturalistas que reinavam em centros acadêmicos e impactavam a crítica, a análise e a produção literária.



Discurso de Primavera e Algumas Sombras

EXORCISMO

Das relações entre topos e macrotopos
Do elemento suprassegmental
Libera nos, Domine

Da semia
Do sema, do semema, do semantema
Do lexema
Do classema, do mema, do sentema
Libera nos, Domine

Da estruturação semêmica
Do idioleto e da pancronia científica
Da reliabilidade dos testes psicolinguísticos
Da análise computacional da estruturação silábica dos falares regionais
Libera nos, Domine

Do vocoide
Do vocoide nasal puro ou sem fechamento consonantal
Do vocoide baixo e do semivocoide homorgânmico
Libera nos, Domine

Da leitura sintagmática
Da leitura paradigmática do enunciado
Da linguagem fática
Da fatividade e da não fatividade na oração principal
Libera nos, Domine

Da organização categorial da língua
Da principalidade da língua no conjunto dos sistemas semiológicos
Da concretez das unidades no estatuto que dialetaliza a língua
Da ortolinguagem
Libera nos, Domine

Do programa epistemológico da obra
Do corte epistemológico e do corte dialógico
Do substrato acústico do culminador
Dos sistemas genitivamente afins
Libera nos, Domine

Da camada imagética
Do espaço heterotópico
Do glide vocálico
Libera nos, Domine

Da linguística frástica e transfrástica
Do signo cinésico, do signo icônico e do signo gestual
Da clitização pronominal obrigatória
Da glossemática
Libera nos, Domine

Da estrutura exossemântica da linguagem musical
Da totalidade sincrética do emissor
Da linguística gerativo-transformacional
Do movimento transformacionalista
Libera nos, Domine

Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchonock
De Saussure, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser
De Zolkiewsky, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov
De Greimas, Fodor, Chao, Lacan *et caterva*
Libera nos, Domine

Figura 8. "Exorcismo", Carlos Drummond de Andrade. Fonte: Drummond de Andrade (2014: 142-143).

Drummond poetizava a angústia do Eu lírico. Ironicamente (é possível leitura em chave irônica da angústia motivada pelo temor diante de teorias), o poeta desmonta o castelo de cartas que seria a sucessão de teorias, autores, metalinguagem. Uma angústia teórica que se torna intensa diante da avalanche estruturalista (assim se figurativiza a sucessão sem pontuação de elementos teóricos no poema) que só oração suplicante é a salvação. *Libera nos, Domine* é índice do anseio por distanciamento teórico.

Alguns elementos no exorcismo proclamado por Drummond em elenco que finalizava com expressão latina– *et caterva* ("e os comparsas") – nada sutil, indicando a posição do Eu lírico atormentado pela linguística e a semiótica/semiologia:

- teorias linguísticas que operavam no limite da sentença/frase e teorias que ia além do sintático;
- classificações sígnicas entre a linguagem verbal e as não verbais;
- metalinguagem: clitização, exo-semântica, frástico e transfrástico, gerativo-transformacional;
- a glossemática de Louis Hjelmslev (1899-1965), até hoje reconhecido como proponente de uma das mais abstratas teorias da linguagem;
- a gramática gerativa de Noam Chomsky e suas operações transformacionais;
- autores russos reconhecidos pelo tratamento formal da linguagem, chegando até o psicanalista Jacques Lacan (1901-1981), que incorporou a sua teoria psicanalítica elementos de compreensão da linguagem herdados da linguística;
- linguistas que formaram um reconhecível panteão estruturalista: Saussure, Nikolai Troubetzkoy (1890-1938), Jakobson, Barthes, Todorov, Greimas.

No mesmo contexto intelectual de Drummond, o estruturalismo fazia balançar uma tradição histórica e marxista em disciplinas de teoria literária. O estruturalismo causava furor (positiva ou negativamente) com suas propostas de análise imanente, descartando biografia, sociedade, história e perspectivas idealistas ou fenomenológicas.

Esse período ficou conhecido como o da "polêmica estruturalista" (cf. Faria 2008; Mello 2020). Um dos resultados dessa dinâmica intelectual de confluências aceitas ou não entre estudos literários, linguística e semiótica/semiologia foi a publicação dos ensaios de Affonso Romano de Sant'Anna em *Análise estrutural de romances brasileiros* (1972).

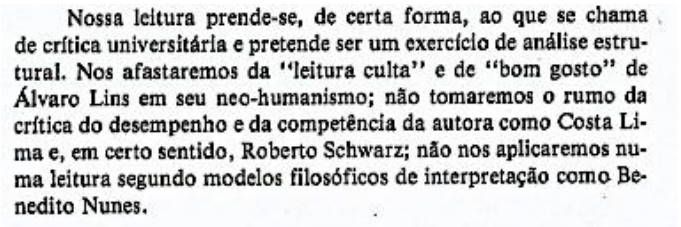

Nossa leitura prende-se, de certa forma, ao que se chama de crítica universitária e pretende ser um exercício de análise estrutural. Nos afastaremos da "leitura culta" e de "bom gosto" de Álvaro Lins em seu neo-humanismo; não tomaremos o rumo da crítica do desempenho e da competência da autora como Costa Lima e, em certo sentido, Roberto Schwarz; não nos aplicaremos numa leitura segundo modelos filosóficos de interpretação como Benedito Nunes.

Figura 9. Fragmento textual de *Análise estrutural de romances brasileiros* (1972). Fonte: Sant'Anna ([1972] 1990: 159).

As universidades cariocas em que Sant'Anna atuava (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ) ficaram conhecidas como espaço privilegiado do formalismo estruturalista. Assim, tornaram-se alvos de crítica os professores estruturalistas da PUC-RJ. Docentes e pesquisadores que faziam sucesso entre boa parte de seus alunos e em divulgação cultural (cf. Mello 2020).

Sucesso que não pode ser desvinculado da análise de textos visuais e comunicativos, da arte, da música e do cinema. Como piscada de olho astuta para o moderno, teorias estruturalistas se vestiam com uniforme da cultura de massa tão ao sabor dos anos 1970.

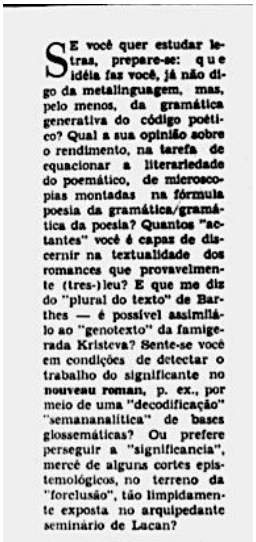
Nesse clima de opinião, dois textos com retórica de crítica e negação fizeram a alegria dos opositores das teorias estruturalistas e sua presença nas faculdades, na formação intelectual e no impacto que causavam na imprensa.

Em 1974, José Guilherme Merquior publicou "O estruturalismo dos pobres" no *Jornal do Brasil*.

5/ ESPECIAL

O ESTRUTURALISMO DOS POBRES

Figura 10. José Guilherme Merquior no *Jornal do Brasil*, 27/01/1974, p. 5. Fonte: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&hf=www.google.com&pagfis=27566.



Se você quer estudar letras, prepare-se: que idéia faz você, já não digo da metalinguagem, mas, pelo menos, da gramática generativa do código poético? Qual a sua opinião sobre o rendimento, na tarefa de equacionar a literariedade do poemático, de microscopias montadas na fórmula poesia da gramática/gramática da poesia? Quantos "actantes" você é capaz de discernir na textualidade dos romances que provavelmente (tres-)leu? E que me diz do "plural do texto" de Barthes — é possível assimilá-lo ao "genotexto" da famigerada Kristeva? Sente-se você em condições de detectar o trabalho do significante no nouveau roman, p. ex., por meio de uma "decodificação" "semananalítica" de bases glossemáticas? Ou prefere perseguir a "significancia", mercê de alguns cortes epistemológicos, no terreno da "forclusão", tão limpidamente exposta no arquipedante seminário de Lacan?

Figura 11. José Guilherme Merquior no *Jornal do Brasil*, 27/01/1974, p. 5, parágrafo inicial. Fonte: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&hf=www.google.com&pagfis=27566.

Crítica que começava não só pelo título (a descartar qualquer apropriação brasileira como válida, já que rebaixada pela expressão "dos pobres"), mas também pelo elenco de autores, termos, direcionamentos teóricos a serem negados em nome de um conhecimento superior ao que propunha o estruturalismo. Nenhuma condescendência para:

- o gerativismo de Chomsky (como alternativa a um estruturalismo dito clássico dos anos 1960) e a glossemática de Hjelmslev;
- para a leitura formal dos poemas entre relações sintagmáticas e paradigmáticas;
- os actantes das propostas semióticas narrativas;
- Barthes e sua leitura semiológica do signo, Julia Kristeva e sua semanálise;
- o significante e o significado de origem saussuriana;
- a leitura psicanalítica de Lacan.

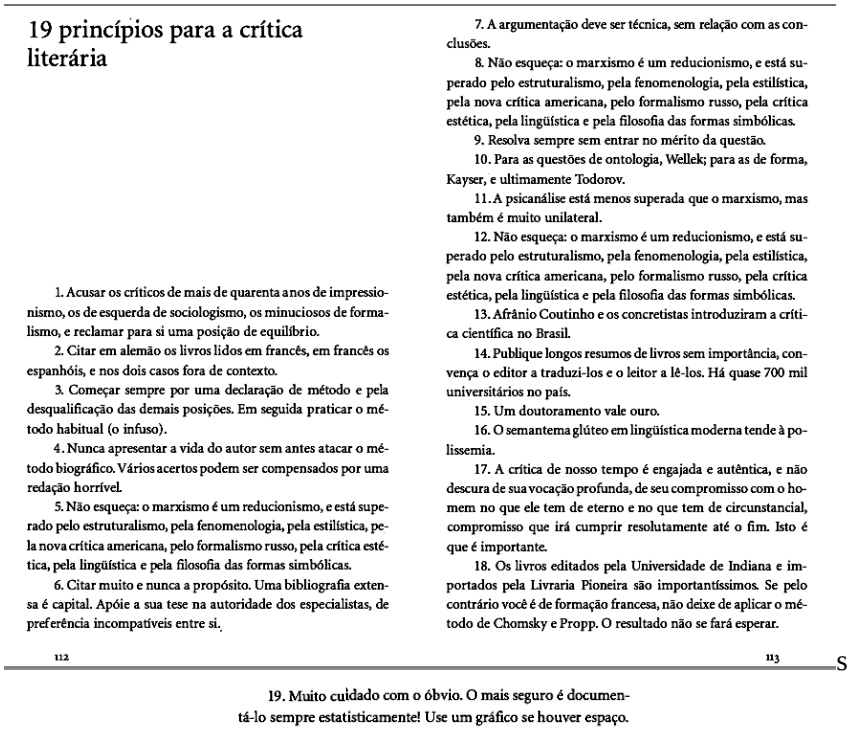
Sobretudo em Merquior, o alvo do ataque era o método formal que chegava aos estudos literários. Negava-se uma ideologia científica presente em teorias linguísticas e semióticas/semiológicas formalistas que propunham tratamento imanente e a-histórico da linguagem.

Quando aceita, uma ideologia científica funciona prescritivamente. Por isso, dita procedimentos metodológicos e condutas de pesquisadores. Por outro lado, quando negada como o fez Merquior, ela passa a representar tudo o que não interessa intelectualmente.

Graças ao "estruturalismo" no seio das humanidades estrepitosamente tornadas "científicas", vinga e prospera o mais franco terrorismo terminológico. A seu lado, todavia, pontifica um não menor "terrorismo metodológico" (Starobinski). Pois o estruturalismo é o paraíso do Método; a nova crítica, por exemplo, se alimenta do mito do Modelo mecanicamente aplicável. Pós-graduandos incrivelmente ignaros, outrora incapazes, por simples analfabetismo, de empreender a interpretação de obras pejadas de referências culturais, agora se entregam sem nenhuma inibição à volúpia de aplicar a torto e a direito modelos "científicos" de análise. O Método está ao alcance de todos (em módicas prestações); e "o crítico é o seu método", sentencia com fervor um dos mais recentes oficiantes do culto estruturalista. A interpretação literária se converte numa espécie de gincana: o negócio é acumular as "leituras" segundo São Propp, São Greimas, São Todorov, São Genette et caterva, a menos que se venere o guru supremo da sofisticação lingüística, o *staretz* do M. I. T., Roman Jakobson, para quem poesia é pura combinatória verbal, e o único aspecto referencial extralingüístico digno de atenção na literatura se limita a sua relação com as demais artes (cf. JAKOBSON, Roman. "*Questions de Poétique*". Paris, Seuil, 1973, p. 145-151).

Figura 12. Fragmento de José Guilherme Merquior no *Jornal do Brasil*, 27/01/1974, p. 5. Fonte: https://ohumanista.blogspot.com/2006/04/o-estruturalismo-dos-pobres.html.

À moda de guia para alertar sobre o que estava por detrás da recepção estruturalista, Roberto Schwarz elaborou crítica contundente sem deixar de lado a ironia. Ele propôs uma desconstrução de um ideário teórico em dezenove princípios, os quais seriam adotados pela crítica "moderna".



19 princípios para a crítica literária

1. Acusar os críticos de mais de quarenta anos de impressionismo, os de esquerda de sociologismo, os minuciosos de formalismo, e reclamar para si uma posição de equilíbrio.

2. Citar em alemão os livros lidos em francês, em francês os espanhóis, e nos dois casos fora de contexto.

3. Começar sempre por uma declaração de método e pela desqualificação das demais posições. Em seguida praticar o método habitual (o infuso).

4. Nunca apresentar a vida do autor sem antes atacar o método biográfico. Vários acertos podem ser compensados por uma redação horrível.

5. Não esqueça: o marxismo é um reducionismo, e está superado pelo estruturalismo, pela fenomenologia, pela estilística, pela nova crítica americana, pelo formalismo russo, pela crítica estética, pela lingüística e pela filosofia das formas simbólicas.

6. Citar muito e nunca a propósito. Uma bibliografia extensa é capital. Apóie a sua tese na autoridade dos especialistas, de preferência incompatíveis entre si.

112

7. A argumentação deve ser técnica, sem relação com as conclusões.

8. Não esqueça: o marxismo é um reducionismo, e está superado pelo estruturalismo, pela fenomenologia, pela estilística, pela nova crítica americana, pelo formalismo russo, pela crítica estética, pela lingüística e pela filosofia das formas simbólicas.

9. Resolva sempre sem entrar no mérito da questão.

10. Para as questões de ontologia, Wellek; para as de forma, Kayser, e ultimamente Todorov.

11. A psicanálise está menos superada que o marxismo, mas também é muito unilateral.

12. Não esqueça: o marxismo é um reducionismo, e está superado pelo estruturalismo, pela fenomenologia, pela estilística, pela nova crítica americana, pelo formalismo russo, pela crítica estética, pela lingüística e pela filosofia das formas simbólicas.

13. Afrânio Coutinho e os concretistas introduziram a crítica científica no Brasil.

14. Publique longos resumos de livros sem importância, convença o editor a traduzi-los e o leitor a lê-los. Há quase 700 mil universitários no país.

15. Um doutoramento vale ouro.

16. O semantema glúteo em lingüística moderna tende à polissemia.

17. A crítica de nosso tempo é engajada e autêntica, e não descura de sua vocação profunda, de seu compromisso com o homem no que ele tem de eterno e no que tem de circunstancial, compromisso que irá cumprir resolutamente até o fim. Isto é que é importante.

18. Os livros editados pela Universidade de Indiana e importados pela Livraria Pioneira são importantíssimos. Se pelo contrário você é de formação francesa, não deixe de aplicar o método de Chomsky e Propp. O resultado não se fará esperar.

113

19. Muito cuidado com o óbvio. O mais seguro é documentá-lo sempre estatisticamente! Use um gráfico se houver espaço.

Figura 13. Os princípios de Roberto Schwarz. Fonte: Schwarz ([1978] 2008: 112-114).

Nos princípios, teorias estruturalistas e o método formal de análise (imanente e influenciado pela linguística) eram negados em chave que exigia leitura atenta ao posicionamento irônico, em sub-reptícia defesa das análises marxistas ou influenciadas por leituras sociológicas.

Os princípios seriam exatamente aqueles que não deveriam ser seguidos. O objetivo era deixar leitores conscientes de como estava, na perspectiva de oposição ao estruturalismo e procedimentos acadêmicos e científicos da época, organizado um espaço universitário dos anos 1970.

Não à toa, o Princípio 1 era aquele que delimitava espaços científicos em oposição: "Acusar os críticos de mais de 40 anos de impressionismo, os de esquerda de sociologismo, os minuciosos de formalismo, e reclamar para si uma posição de equilíbrio" (Schwarz [1978] 2008: 112).

Há recorrência do mesmo texto em três Princípios (5, 8, 12): "Não esqueça: o marxismo é um reducionismo, e está superado pelo estruturalismo, pela fenomenologia, pela estilística, pela nova crítica americana, pelo formalismo russo, pela crítica estética, pela lingüística e pela filosofia das formas simbólicas" (Schwarz [1978] 2008: 112-113).

Esses princípios reafirmados em sua recorrência ancoravam a perspectiva teórica marxista de seu autor. Em sua retórica, ele sutilmente respondia aos que criticavam abordagens marxistas já com tradição na universidade. Em oposição, entravam teorias (o estruturalismo, a linguística, a nova crítica americana, o formalismo russo) que tinha chegado com a chamada modernidade científica a partir dos anos 1960 e que ganhavam fôlego apurado na década de 1970. Teorias que estavam, em medidas distintas a rigor, delimitadas pelo tratamento imanente da matéria literária.

Recusados como ideologia científica influenciada pelo estruturalismo e por características da universidade de então, estavam na lista de Schwarz:

- presença de influência estrangeira considerada acrítica e mera recepção;

- elevação a alto grau do método científico, bandeira dos estudos linguísticos em seu processo de legitimação intelectual; em dois princípios o método era recusado como "fetiche moderno" diante do recurso a gráficos, esquemas, tabelas, dados quantitativos;
- crítica ao estruturalismo e à linguística formal (além de outros formalismos) diante de outras aproximações para a análise e a crítica literária, como o marxismo – cabe destacar que o princípio que opõe estruturalismo a outras correntes é repetido três vezes;
- ausência formalista de sínteses interpretativas, como outras aproximações teóricas fariam: "7. A argumentação deve ser técnica, sem relação com as conclusões";
- humor negando metalinguagem da linguística: "16. O semantema glúteo em lingüística moderna tende à polissemia";
- recusa da legitimidade científica da publicação de livros por casas editoriais conhecidas pela publicação de textos de linguística: "18. Os livros editados pela Universidade de Indiana e importados pela livraria Pioneira são importantíssimos. Se pelo contrário você é de formação francesa, não deixe de aplicar o método de Chomsky e Propp. O resultado não se fará esperar";
- questionamento dos Estados Unidos e da França como espaço intelectual de influência; desses dois países, vinham as teorias que mais impactaram os estudos linguísticos da época.

Nos quatro documentos históricos, houve crítica que colocou na berlinda o estruturalismo que vinha encontrando recepção favorável em circuitos acadêmicos.

Para todo sucesso científico, há igualmente a possibilidade da negação de sua legitimidade. Mesmo que não dominante nos estudos de linguagem (o que inclui crítica literária e ciências sociais), o estruturalismo foi presente de modo incisivo. Uma retórica de ruptura com o tradicional (a filologia, as análises sociais, as interpretações históricas e biográficas) pavimentou caminho para que muitos linguistas se colocassem no posto de uma julgada modernidade.

Desse lugar, linguistas divulgaram retórica afiada contra os que não levavam adiante a busca pelos métodos formais, pela teoria dissecada em metalinguagem específica, pela consagração de cânone analítico vindo principalmente de textos teóricos norte-americanos e franceses.

Contudo, um discurso contra uma ideologia linguística estruturalista se manteve firme em posicionamentos intelectuais dos anos 1970, principalmente por aqueles circunscritos aos estudos literários.

5. Algumas sínteses analíticas

Uma prática científica voltada para análise formal do sistema linguístico (mesmo em sua manifestação literária) foi negada em sua validade por muitos. Em circuito intelectual de contraideologia estruturalista estavam mais do que autorizadas condutas que criticavam, até na linha da ironia e do pastiche, o arsenal estruturalista de autores, técnicas e metalinguagem.

Ainda que limitada em extensão, esta análise historiográfica destacou condutas legitimadas no circuito daqueles que, do lado a atacar o estruturalismo, colocavam-se como literatos prontos a defender com lanças afiadas uma crítica literária próxima do marxismo, da hermenêutica, da sociologia e, enfim, de todo um aparato teórico mais humanista.

Do mesmo modo, diante de um contexto conturbado politicamente (os anos de mão pesada da ditadura militar), esses literatos (escritores, professores, críticos) não viram com bons olhos a aproximação textual imanente que deixaria para escanteio implicações culturais e históricas das manifestações literárias. Não que a adoção de teorias linguísticas imanentes seja necessariamente adequada a um contexto político repressor. Contudo, nesse contexto social, o que era imanente em termos científicos por hipótese se afastaria de repressão e perseguição por

não tocar em temas como individualidade, convívio social, liberdade, democracia (cf. Altman 1998).

O estruturalismo era visto do lado de boa parte daqueles envolvidos com a literatura brasileira (no ensino, na produção, na crítica) como movimento a ser combatido. Uma das justificativas era que se estava diante de mera apreensão do estrangeiro, da suposta novidade e da moda científica.

Do lado literário de uma trincheira conhecida como querela linguística ou polêmica estruturalista, um grupo que compreendia o estruturalismo como invasão de um credo científico e seu cânone teórico estranhos à realidade brasileira dos anos 1970.

O que caracterizou a recepção nacional do estruturalismo (seja o que chegava até nós via língua inglesa; seja o que chegava via língua francesa) foi sendo desarticulado e invalidado por aqueles que viam apenas elementos como: metalinguagem obtusa e opaca; avalanche de traduções a inserir nossa tradição no dito moderno científico; jovens professores que preferiam o alarde da cultura de massa a movimentar espaços teóricos; cânones guiados pelos linguistas considerados heróis de sua época; dissecação de formas distantes de sua produção significativa contextualizada social e historicamente.

Foi nesse clima de opinião que o estruturalismo como força teórica não obteve talvez uma pretendida homogeneização de práticas de pesquisa, ensino e abordagem cultural (como todas as teorias em algum momento pretendem, mesmo que isso não seja assumido explicitamente).

Uma ação de pôr ordem no mundo como discurso competente que não chegou a reinar absoluta em muitos espaços intelectuais. Mas que fez história no que se consagrou como a disputa entre literatos e estruturalistas. Ideologia e contraideologia em plena ação principalmente no Rio de Janeiro dos anos 1970.

Ainda que provisória, uma resposta aos questionamentos que iniciaram esse texto poderia ir pelo seguinte caminho:

(i) ideologias linguísticas compreendidas como ideologias científicas podem ser analisadas diante da compreensão de que teorias e métodos são modos diretivos de ação que resultam em prescrições intelectuais e comportamentais, determinando o que cientistas validarão ou não como saber a ser seguido e legitimado ou, ao contrário, radicalmente negado;

(ii) uma história da linguística brasileira pode ser reconstruída por narrativa historiográfica que contemple mais do que fontes tradicionais e cânones teóricos; ou seja, é desejável que historiógrafos se voltem também para o que por muito tempo foi negado como documento e evidência histórica. Procurou-se destacar como observar documentos que negaram o estruturalismo, em uma década no qual este alcançava sucesso em muitos espaços institucionais, pode ser útil para que uma reconstrução historiográfica contemple pontos de vista além das histórias de sucessos e heróis.

Se houve consenso em certos circuitos científicos de que linguistas estavam próximos de uma, assim considerada, modernidade científica delineada pela pauta estruturalista e pelo alcance da linguística como ciência-piloto, não houve em mesma medida solidariedade absoluta em termos de laços intelectuais.

Para muitos, o estruturalismo foi a moda que veio não só afastar estudos da linguagem de sua vocação humanista, mas também contribuir para uma geração de produção científica alheia a seu conturbado momento histórico.

O filósofo Jürgen Habermas argumentava que o progresso científico e sua institucionalização transformam "antigas formas de legitimação [, que] são decompostas" (Habermas [2011] 2014: 76).

Muitos estruturalistas no Brasil dos anos 1970 firmaram posição diante do que alegavam ser avanço em ciência e cultura, negando tradições de vocação humanista nos estudos sobre a

linguagem. Decompuseram, desse modo, um panorama intelectual associado ao subjetivo, ao social, ao histórico.

Por outro lado, em mesma medida, contrários aos estruturalismos decompuseram suposto reinado científico de aproximação teórica, intelectual e didática das formas linguísticas como o primeiro e último objeto a ser privilegiado cientificamente.

Referências

Allen, Woody. [1971] 1978. *Cuca fundida*. Trad. de R. Castro del original en inglés. Porto Alegre: L&PM.

Altman, Cristina. 1998. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas.

Altman, Cristina. 2018. "*Zeitgeist.* Em homenagem a Evanildo Bechara por ocasião dos seus 90 anos". *Confluência* 55. 164-182.

Batista, Ronaldo de Oliveira. 2013. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez.

Batista, Ronaldo de Oliveira. 2019. "Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise". *Historiografia da Linguística*, org. por Ronaldo de Oliveira Batista. 81-114. São Paulo: Contexto.

Batista, Ronaldo de Oliveira. 2020. *Fundamentos da pesquisa em Historiografia da Linguística*. São Paulo: Ed. Mackenzie.

Batista, Ronaldo de Oliveira. 2023. *A linguística brasileira*: percursos históricos. São Paulo: Ed. Mackenzie.

Batista, Ronaldo de Oliveira. 2024. "História da linguística brasileira: dois formalismos nos anos 1960-1970". *Lingüística* 40. 1-21.

Batista, Ronaldo de Oliveira. 2025a. En prensa. "Duas 'outras' estruturas na linguística brasileira (1960-1970)". *Revista Todas as Letras* 27: 1.

Batista, Ronaldo de Oliveira. 2025b. *Cinco questões sobre narrar histórias da linguística*. São Paulo: Pá de Palavra.

Bosi, Alfredo. 2010. *Ideologia e contraideologia*. São Paulo: Companhia das Letras.

Bourdieu, Pierre. 2004. *Os usos sociais da ciência*. Trad. D. B. Catani del original en francés. São Paulo: Ed. Unesp.

Bourdieu, Pierre. [2001] 2021. *Para uma sociologia da ciência*. Trad. P.E. Duarte del original en francés. Lisboa: Edições 70.

Calero Vaquera, María Luisa. 2018. "Sobre el concepto "ideología" y su repercusión en la epistemología lingüística". *Circula – Revue d'idéologies linguistiques* 8. 7-29.

Campos, Haroldo. 1969. "O lance de dados de Saussure – I". *O Estado de S.Paulo*. *Suplemento Literário* 13: 635. 1.

Castilho, Ataliba Teixeira de. 1983. "O papel da Lingüística na identificação do padrão lingüístico". *Boletim da Abralin* 4. 60-66.

César, Ana Cristina. 1999. *Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, Instituto Moreira Salles.

Chauí, Marilena. 2021. *A ideologia da competência*. *Escritos de Marilena Chauí*. Vol. 3. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Chomsky, Noam. 1957. *Syntactic Structures.* The Hague: Mouton.

Chomsky, Noam. 1965. *Aspects of the Theory of Sintax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

Chomsky, Noam. 1975. *Reflections on Language*. New York: Pantheon.

Chomsky, Noam. [1965] 1978. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Trad., introd., notas y apéndices J.A. Meireles y E.P. Raposo del original en inglés. Coimbra: Armênio Amado.

Chomsky, Noam. 1980. *Reflexões sobre a linguagem*. São Paulo: Cultrix.

Chomsky, Noam. [1957] 2015. *Estruturas sintáticas*. Trad. y comentarios G. A. Othero y S. M. Menuzzi del original en inglés. Petrópolis, RJ: Vozes.

Drummond de Andrade, Carlos. 1975. "Exorcismo". *Jornal do Brasil*, Caderno B 85: 4. 5.

Drummond de Andrade, Carlos. [1964] 1992. *Poesia e prosa (em um volume)*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Drummond de Andrade, Carlos. [1977] 2014. *Discurso de primavera e algumas sombras.* São Paulo: Companhia das Letras.

Dubois, Jean, Mathée Giacomo, Louis Guespin, Christiane Marcellesi, Jean-Baptiste Marcellesi y Jean-Pierre Marcellesi. 1973. *Dicionário de Lingüística*. [Trad. coord. por I. Blikstein del original en francés]. São Paulo: Cultrix.

Eagleton, Terry. [1991] 1997. *Ideología: una introducción*. Trad. J.V. Rubio del original en francés. Barcelona: Paidós.

Estante de consulta. *Folha de S. Paulo*, 27 de abril de 1975. [Disponible en Internet: https://acervo.folha.com.br/index.do]

Estudos lingüísticos em homenagem a J. Mattoso Camara Jr. 1973. *Revista de Cultura Vozes* 5. 67.

Faria, Regina Lúcia de. 2008. "A polêmica do Estruturalismo ou *Quem tem medo de teoria?*". *XI Congresso Internacional da ABRALIC*, 13-17 de julho. [Disponible en Internet: http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/041/REGINA_FARIA.pdf]

Fernandes, Millôr. [1977] 2023. *É... Baseada num fato verídico que apenas não aconteceu*. Porto Alegre: L&PM.

Forest, Philippe. 1995. *Histoire de Tel Quel.* Paris: Seuil.

Garvin, Paul L. 1973. "O que é lingüística?" *Revista de Cultura Vozes* 5: 67. 23-32.

Greimas, Algirdas Julien. 1966. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Larousse.

Greimas, Algirdas Julien. [1966] 1973. *Semântica estrutural.* Trad. H. Osakabe y I. Blikstein del original en francés. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo.

Greimas, Algirdas Julien. 1970. *Du sens: essais sémiotiques*. Paris: Editions du Seuil.

Greimas, Algirdas Julien, Michel Arrive, Jean-Claude Coquet y Jean-Paul Dumont. 1972. *Essais de sémiotique poétique.* Paris: Larousse.

Greimas, Algirdas Julien. [1970] 1975. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Trad. A. C. César *et al.* del original en francés. Petrópolis, RJ: Vozes.

Greimas, Algirdas Julien (org.). [1972] 1975/1976. *Ensaios de semiótica poética.* Trad. H. L. Dantas del original en francés. São Paulo: Cultrix; Ed. da Universidade de São Paulo.

Habermas, Jürgen. [2011] 2014. *Técnica e ciência como "ideologia".* Trad. F. G. da Silva del original en alemán. São Paulo: Ed. da Unesp.

Habert, Nadine. 1994. *A década de 70*: apogeu e crise da ditadura militar brasileira. São Paulo: Ática.

Ivo, Lêdo. 1975. "A morte da literatura brasileira". *O Globo*. 37.

Jaguar; Augusto, Sérgio (org.). 2007. *O Pasquim – Antologia.* Vol. II: 1972-1973. Rio de Janeiro: Desiderata.

Lima, Luiz Costa. 1975. "Quem tem medo da teoria?". *Opinião*. 24.

Mattoso Camara Jr., Joaquim. [1968] 1976. "A linguística brasileira". *Tendências atuais da linguística e da filologia no Brasil* org. por Anthony Julius Naro. 45-66. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Mello, Jefferson. 2020. "Os estudos literários brasileiros nos anos 1970 e o lugar da teoria no trabalho de Luiz Costa Lima". *Remate de males* 40: 2. 697-722.

Merquior, José Guilherme. 1974. “O estruturalismo dos pobres”. *Jornal do Brasil*. 5. [Disponible en Internet: https://ohumanista.blogspot.com/2006/04/o-estruturalismo-dos-pobres.html]

Rosa, Maria Carlota. 2024. *Uma viagem com a linguística*: um panorama para iniciantes. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Pá de Palavra.

Sant’Anna, Affonso Romano de. [1972] 1990. *Análise estrutural de romances brasileiros*. São Paulo: Ática.

Saussure, Ferdinand de. [1916] 1970. *Curso de linguística geral*. Trad. de A. Chelini *et al*. del original en francés. São Paulo: Cultrix.

Schwarz, Roberto. [1978] 2008. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Semiótica & Semilogia. 1974. *Revista de Cultura Vozes* 8. 68.

Silva, Juremir Machado da. 2023. “Uma peça de Millôr chamada “É...”. *Matinal News*. [Disponible en: https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/colunistas-matinal/juremir-machado/uma-peca-de-millor-chamada-e]

Soares, Rafael Pinto. 2012. “A crítica no jornal – o espaço da polêmica no jornalismo cultural brasileiro”. Monografía de finalización de curso: Departamento de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sobre a revista. *Revista Dicta & Contradicta*. [Disponible en Internet: http://www.dicta.com.br/a-revista/]

Sugiyama, Enio. 2020. “O ensino de linguística no Brasil (1960-2010)”. Tesis de Doctorado: Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Swiggers, Pierre. 2010. “Le métalangage de la linguistique. Reflexions à propos de la terminologie et de la terminographie linguistiques”. *Revista do GEL* 7: 2. 9-29.

Swiggers, Pierre. 2018. “De la ideología de la(s) lengua(s) a la(s) ideologia(s) de la lingüística”. *Circula – Revue d’idéologies linguistiques* 8. 70-101.

Swiggers, Pierre. 2019. “Ideología lingüística: dimensiones metodológicas e históricas”. *Confluência* 56. 9-40.

Ziman, John. [1968] 1979. *Conhecimento público*. Trad. de R. R. Junqueira del original en inglés. Belo Horizonte: Itatiaia.

Ziraldo (Alves Pinto). 1973. “Comunicação”. *O Pasquim* 5: 193. 24.